

# Uma história que se canta e se aprende

No acorde saudoso do cantor, na aula heróica da professora, lembranças de uma cidade que ainda não sabe como homenagear os pioneiros

Cristine Gentil  
Da equipe do **Correio**

Sentado no Bar Alcazar, no Rio de Janeiro, o compositor Ataulfo Alves tentava convencer seu amigo de música e de copo José Lourenço que um dia ele gostaria de Brasília e de seu mentor Juscelino Kubitschek. “Aposto um almoço que vai gostar assim que conhecê-lo”, dizia.

Incrédulo, o paraibano Zé Lourenço, carioca por profissão, duvidou. Mesmo assim, partiu para Brasília, o seu exílio e de tantos outros funcionários públicos transferidos compulsoriamente para a nova capital.

“Um dia fui convidado para fazer uma seresta na casa de um amigo do presidente. Ai me perguntaram: você vai cobrar? Como não gostava de JK, fiz um preço bem alto”, lembra Zé Lourenço. “Depois da seresta, meu amigo nos apresentou. Disse a ele, em tom de brincadeira, que eu tinha cobrado. Ele respondeu: ‘Paga dobrado’. Gostei dele naquele momento, ficamos amigos e eu perdi a aposta com o Ataulfo”.

Quem resgata essa história é José Lourenço de Sant’Anna, 63 anos, que chegou em Brasília no dia da inauguração da cidade e ajudou a construir a história dela. Ele faz parte de um grupo poderoso: os pioneiros de Brasília. Aqueles que deram forma e vida ao sonho de Juscelino Kubitschek.

Talvez os únicos capazes de juntar na mesma mesa o trio formado pelo governador petista Cristovam Buarque, o ex-governador Joaquim Roriz (PMDB) e o senador José Roberto Arruda (PSDB), os três potenciais concorrentes ao trono do Buri-ti. O encontro aconteceu há 15 dias num jantar promovido pelo Clube dos Pioneiros no Iate Clube de Brasília.

## REGUA E COMPASSO

Nesse encontro, coube a Cristovam, como governador, fazer um anúncio que emocionou os pioneiros. Em sinal de reverência, Cristovam assinou um decreto criando o Jardim dos Pioneiros. Pelo decreto, o jardim será construído no Eixo Monumental, próximo ao local onde foi realizada a primeira missa de Brasília. A idéia inicial é fazer um monumento com a gravação dos nomes dos pioneiros.

Mas para o deputado Jorge Cauhy (PMDB), homenagens não bastam. Ele é autor de uma lei que cria a Cidade dos Pioneiros, um assentamento destinado a todos os que aqui chegaram até 1970 e os filhos que não tiveram casa própria. “É uma lei que faz justiça a quem construiu essa cidade”, reforça o deputado.

Pela lei, sancionada desde o ano passado, essas pessoas terão direito a um lote, vendido a preços compatíveis com a renda das famílias. “A lei está em fase de regulamentação. Espero que esse governo tenha sensibilidade e coloque logo em prática”, apela Cauhy, que indicou uma área próxima ao Catetinho para servir como morada dos pioneiros.

Os primeiros moradores e trabalhadores do Distrito Federal agradecem as homenagens, mas basta conversar um pouco com eles para se ter a certeza de que não esperam de Brasília mais do que a cidade já lhes deu.

“Brasília me deu régua e compasso. Aproveitei o embalo. Hoje, tenho orgulho de ser patrimônio da cidade”, desmancha-se o mangueirense e flamenguista Zé Lourenço, que se mudou há oito meses para a Vila Planalto, o reduto dos pioneiros da cidade.

## KIRK DOUGLAS E MINISTROS

Em um dos quartos da casa, falta parede para tantos diplomas, meda-

lhas, fotografias e condecorações. Estão ali os registros de um tempo em que ainda era o “Zé Cara de Bode”, apelido que ganhou de Meira Filho, senador pelo PMDB de 1986 a 1994, na época locutor de um programa na TV Nacional.

“Eu tinha gravado uma música chamada *João Cara de Bode* e, por isso, ele me deu esse apelido. Quando ia cantar no programa dele, ele me apresentava também como o Cantor dos Ministros porque eu fui o primeiro a fazer temporadas de show no Brasília Palace Hotel, onde ficavam hospedados os ministros de tribunais”, lembra.

Zé Lourenço foi um precursor do movimento cultural de Brasília. Além de funcionário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ele apresentava programas na TV e Rádio Nacional. “Coquetel de Ritmos” e “Cantando pelo Brasil” levavam legiões de fãs para os auditórios.

Um dos fãs incondicionais de Zé Lourenço era Valmir Campelo, hoje senador pelo PTB. “Eu ia a pé de casa, na 203 Sul, até o início da W3, onde ficava o auditório para assistir aos shows de Zé Lourenço. Era o divertimento da época, uma grande festa”, lembra o senador.

O músico — que foi fundador da escola de samba Acadêmicos da Asa Norte e criador dos antigos concursos de Rei Momo e Rainha do Carnaval — lembra com saudades dos tempos em que acontecia o Baile da Cidade, evento de abertura do carnaval brasiliense, que chegou a contar com a presença de artistas como o ator de cinema Kirk Douglas. “Foi uma época muito animada. Eu chegava nas rádios de madrugada com meu disco na mão. Talvez por isso fosse sempre o mais tocado”, conta.

## À SOMBRA DAS ÁRVORES

Por definição, todo pioneiro é saudosista. Fala do passado com aquela voz carregada de nostalgia. A primeira diretora de escola de Brasília, Santa Alves Soyer, é daquelas que volta no tempo com um sorriso de quem foi muito feliz no passado. “Quando cheguei ao acampamento da Novacap fui tomada de grandes emoções. A primeira foi me deparar com um verdadeiro canteiro de obras em pleno planalto”, começa.

A recepção calorosa depois de uma viagem de seis horas de ônibus, partindo de Goiânia, foi a segunda surpresa de dona Santa. “Peguei minha bagagem, olhei de um lado para o outro e pensei: para onde ir? De repente, um grupo de quatro garotos surgiu na minha frente me perguntando se eu era a nova professora. Ao confirmar, eles me abraçaram.”

Dona Santa guarda na memória os nomes e as datas das pessoas que junto com ela desembarcaram na nova capital em 1957 para ensinar os filhos dos operários. “Tínhamos um projeto de realizar um ensino altamente qualificado, com supervisão de técnicos do Ministério da Educação. Os professores passavam por concurso, provas práticas, estágios e período de experiência antes de serem admitidos. Era uma seleção muito rigorosa”, ressalta a professora aposentada, que hoje vive na 709 Sul.

A primeira coordenadora geral das escolas percorria as distâncias de uma escola para outra, de acampamento para acampamento, na carroceria de um caminhão, que era dirigido pelo zelador da escola, para coordenar o trabalho das escolas criadas até 1960. Mas já chegou a dar aulas debaixo de árvores sem desanimar. “Naquela época, apesar das condições, ninguém nem adoecia. Era muito trabalho. A gente dizia que a poeira de Brasília tinha vitamina JK”, brinca dona Santa.

Fotos: Jorge Cardoso



Zé Lourenço lembra dos tempos em que atraía legião de fãs aos programas “Coquetel de Ritmos” e “Cantando pelo Brasil” da TV e Rádio Nacional